

Nos hospitais, as conseqüências de uma antiga guerra

A velha guerra com os micróbios está de volta. Depois de ter ganhado uma batalha nos anos 40, com o desenvolvimento dos antibióticos, a humanidade pensou que estava livre do ataque de vírus, bactérias, fungos e protozoários. Ledo engano: a guerra continua. Os microorganismos nocivos contra-atacaram com mecanismos que fazem até as mais sofisticadas técnicas de engenharia genética capitularem.

Como em toda guerra, também nessa uma visita aos hospitais podem dar uma idéia dos estragos. Num artigo publicado na revista americana "Science", o microbiologista Mitchell L. Cohen fez uma viagem no tempo para mostrar os hospitais de países desenvolvidos nos anos 30. A maioria dos leitos era ocupada por jovens vítimas de pneumonia, tuberculose, sífilis, meningite, tifo e bacteremias graves (in-

fecções generalizadas causadas por bactérias). Sem tratamento eficaz, boa parte do doentes morria.

A máquina do tempo de Cohen chega até a década de 80. O cenário é outro. Poucos são os pacientes jovens nos leitos. A maioria já passou da meia idade e sofre de hipertensão, câncer e outras doenças degenerativas.

Nos anos 90, os micróbios re-

sistentes estão trazendo de volta o cenário da década de 30. Os agentes da tuberculose, meningite, cólera, dengue, malária, entre outras, ficaram mais fortes e difíceis de matar. Em países do Terceiro Mundo, como o Brasil, esse quadro é ainda mais grave, pois as doenças infecciosas jamais chegaram a ser erradicadas e os micróbios resistentes estão contribuindo para afetar um parte maior da população.